



## **Diáspora africana e a memória congadeira em São João del-Rei: “a Congada vem mesmo da raça negra”**

*African diaspora and the memory of the conga in São João del-Rei: “the Congada comes from the black race”*

Simone de Assis<sup>1</sup>

**Resumo:** A pesquisa procurou mapear e compreender memórias do cativo e da liberdade em diferentes gerações dos Congados do bairro São Dimas, São João del-Rei-MG. Buscamos entender rituais da cosmovisão banto, memórias do cativo, oriundas da África Centro-Occidental que atravessaram o Atlântico e reverberam nos tempos de hoje, dentro do âmbito cultural de pessoas que mantêm e recriam as tradições do Congado.

**Palavras chave:** Congado, História Oral, Cultura.

**Abstract:** The research sought to map and understand memories of captivity and freedom in different generations of the Congados of the São Dimas neighborhood, São João del-Rei-MG. We seek to understand rituals from the Bantu worldview, memories of the captivity, which originated from West Central Africa that crossed the Atlantic and reverberate in the present times, within the cultural scope of people who maintain and recreate the traditions of the Congado.

**Keywords:** Congado, Oral History, Culture.

*“Tudo o que ela quer, tudo o que ela tem, oi, louvemos a Deus. Jogo mesmo, porque define instrumento livre. Tudo o que ela é, tudo o que eu consegui, o instrumento livre. Tudo o que ela quer, oi, louvemos a Deus. Alufá, oi, viva Nossa Senhora do Rosário, viva!”<sup>2</sup>*

### **Introdução**

O artigo<sup>3</sup> é provocado por questionamentos acerca da memória do cativo e da liberdade reavivadas na cultura e religiosidade de congadeiros da região das

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei – PGHIS/UFSJ, orientada pela Profa. Dra. Silvia Brügger, bolsista CAPES. Contato: sissamones@hotmail.com. Aproveitamos para agradecer a autoria compartilhada do artigo que vêm das mestras congadeiras, que deram todo sentido para a pesquisa. São elas: capitã Maria Auxiliadora Mártir, bandeira Maria Isabel da Anunciação e bandeira Mercês Maria de Oliveira Lima, do Moçambique Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, São Dimas, São João del-Rei. Muito obrigada!

<sup>2</sup> Música Louvemos a Deus, do grupo Catopês-Milhos Verde/MG, entoada pelos capitães Ivo e Sebastião (in memoriam). Disponível no CD “Festa do Rosário, Serro- MG: 1724-2000” - Nas Montanhas Studio/BH-MG. A música também compõe o banco de dados da pesquisa.

<sup>3</sup> O artigo deriva da iniciação científica *Memórias do cativo e da liberdade entre os congadeiros da região das Vertentes*, orientada pela Profa. Dra. Silvia Brügger. O projeto contou com o financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas – PIBIC-Af, edital: nº 005/2017/PROPE/PROAE, do qual fui bolsista. A pesquisa faz parte de um estudo mais amplo

Vertentes, sobretudo na histórica cidade de São João del-Rei, Minas Gerais. Sabemos que todas as cidades possuem sua história, sendo acionadas por meio do patrimônio material e imaterial instituído pelos moradores. Ao retratar São João del-Rei como “histórica” fazemos menção a temporalidade da cidade tricentenária, ao seu passado colonial, escravista e os subsequentes desdobramentos no presente.

Escolhemos para o presente trabalho a metodologia da história oral<sup>4</sup>, privilegamos acionar as narrativas dos membros do terno Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, do bairro São Dimas, São João del-Rei, para refletirmos sobre as rupturas e continuidades do tempo da escravidão e da liberdade, mediante práticas religiosas que mesmo diante da diáspora africana centro-ocidental reverberam em sujeitos que possuem um passado compartilhado, uma identidade coletiva negra (que carrega sorrisos e traumas), um patrimônio cultural e saberes a serem visibilizados.

Escolhemos como subtítulo da pesquisa as considerações da bandeireira do Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, São Dimas, São João del-Rei, Maria Isabel da Anunciação, mais conhecida como Dona Belinha, hoje com mais de 80 anos de idade, que questionada (ao mesmo tempo em que lhe era pedida uma confirmação por ser mais velha) pela capitã Maria Auxiliadora Mártir, 55 anos, se a Congada tinha a ver com Preto-Velho, respondeu o seguinte: “*a Congada vem mesmo da raça negra, né? Eu me orgulho, eu tenho orgulho de ter minha cor, de ser de raça negra, sinto bem!*”<sup>5</sup> Também elegemos a frase “A Congada vem mesmo da raça negra” por inspiração do trabalho da historiadora Monteiro (2016): “*A Congada é do Mundo e da Raça Negra*”: *memórias da escravidão e da liberdade nas festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande-MG (1873-2015)*. Conforme a autora apresenta o título da tese é parte do que o Sr. José Luiz, congadeiro-moçambiqueiro de Piedade do Rio Grande, lhe explicava sobre a prática cultural e religiosa. (MONTEIRO, 2016, p. 34). Embora os trabalhos carreguem semelhanças quanto a temática e diferenças em conteúdo, pois são estudos de caso de

---

coordenado pela Profa. Dra. Silvia Brügger, tendo como colaboradores: Daniele Michael Trindade Neves, Francival Araújo de Sousa, Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis.

<sup>4</sup>A história oral consiste na realização de entrevistas, geralmente registradas em áudio e/ou vídeo, em que formamos o banco de dados e fontes a serem analisadas. Baseamos em Verena Alberti (2004), por meio do *Manual de História Oral* para o suporte técnico do trabalho. Destacamos que a história oral consiste na interação dos sujeitos envolvidos, bem como nas relações possíveis entre essas pessoas, relações que devem ser levadas a sério.

<sup>5</sup>Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

diferentes localidades, achamos oportuno deixar parecido os títulos, no sentido de aproximar as narrativas que trazem a identidade congadeira também como um demarcador de raça, de cor.

### **Ao som dos tambores: identidade e cor**

Ao acionarmos a identidade congadeira como demarcador de raça não pensamos no aspecto biológico, não fazemos alusão às percepções do racismo científico. Entendemos com Hall (1998) que “a raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica.” (HALL, 1998, p. 63). Enveredamos pelas explicações de Hall, de que esta categoria, raça, carrega a semântica representacional e atuante de determinado grupo. Ou seja, “as marcas simbólicas, a fim de diferenciar um grupo de outro.” (HALL, 1998, p. 63). Ao apontarmos a tonalidade negra do Congado, também, dialogamos pela perspectiva histórica da quebra do silêncio da cor. Ou seja, o aspecto cultural, identitário e político de ações afirmativas presentes no Brasil desde o fim do século XX. (FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018, p. 02).

Mas antes recuamos um pouco no tempo, em meados e fim do século XIX, para cujo período Rios e Mattos (2004) levantam provocações a respeito do conceito de cidadania, problematizando o termo não apenas pela perspectiva da elite, que determina perfis civilizatórios, mas também pela ótica dos “novos cidadãos”, ou seja, os sujeitos que descendem do cativeiro. Afirmam que devemos redefinir o conceito de cidadania, todavia, “respeitando as várias percepções que os atores históricos tiveram desse momento”. (RIOS e MATTOS, 2004, p. 191). Por esse prisma, da busca pela cidadania, pontuam a estratégia da não identificação da cor de homens e mulheres egressos do cativeiro na construção do Brasil pós-abolição. O que não significa ausência de preconceitos raciais e desigualdades socioculturais.

O fim do século XX, porém, apresenta mudanças de estratégias dos afrodescendentes, por meio de reflexões, denúncias e cobranças sociopolíticas, têm-se: a ruptura do silenciamento da cor. Conforme Fischer, Grinberg e Mattos (2018), as décadas de 1980 e 1990 trouxeram à tona discussões e medidas públicas referente ao passado escravista brasileiro, envolvendo direitos garantidos por leis diante da revisitação da história afro-brasileira. Segundo as autoras:

À medida que o racismo foi nomeado e denunciado com mais clareza, os legados jurídicos da escravidão tornaram-se cada vez mais evidentes e, pela primeira vez, as reparações legais às injustiças históricas e à desigualdade assumiram forma

palpável. Foram promulgadas leis que elevam o racismo a crime e reconhecem os direitos dos afrodescendentes à memória, ao patrimônio cultural e à propriedade fundiária; as ações afirmativas abriram novas portas à educação e ao emprego público; a escravidão passou a ser caracterizada como crime contra a humanidade, com vítimas que precisam de reparação.(FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018, p. 02).

Cabe destacar que há mais elementos imbricados tanto no silenciamento quanto na ruptura do silenciamento da cor dos descendentes de escravizados. Não se trata de estratégias e/ou medidas de sobrevivência que envolvem apenas determinado grupo étnico na sociedade brasileira. Sim nas negociações, nas fronteiras e disputas socioeconômicas e culturais, diante das diferenças, na busca pelo espaço comum. Pensamos no diálogo das fronteiras enquanto campo para compreender ações étnicas. Dito isso não retomamos mais ao silêncio, mas à voz da cor de afrodescendentes (também indígenas), que soa como elemento de transformação nas engrenagens sociais, culturais e políticas do Brasil. Mudanças que reverberam em leis constitucionais de reparação perante ações afirmativas, que visibilizam a demarcação de uma cor étnica e cultural perante redes sociais.

Nessa ótica enveredamos pela procura dos sentidos nos “sistemas sociais” (BARTH, 2000, p. 26). No recorte congadeiro que propomos, podemos perceber que, a visibilidade identitária presente nas considerações da Dona Belinha, bandeireira do Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, bairro São Dimas, são elementos não apenas do campo cultural ao qual ela pertence e se orgulha de estar presente, de acordo com a narrativa, mas também do campo social, em que não há inibições para declarar quem se é. Vejamos: “*a Congada vem mesmo da raça negra, né? Eu me orgulho, eu tenho orgulho de ter minha cor, de ser de raça negra, sinto bem!*”<sup>6</sup>,

Nesse prisma pensamos que, de acordo com os estudos levantados por Fischer, Grinberg e Mattos (2018), as leis de cunho étnico presentes na Constituição de 1988, também servem como fomentador de fenômenos e posturas culturais, que, se em outros momentos eram mantidas em silêncio, hoje são motivo de orgulho. Como “os artigos 215 e 216 [que] protegeram todas as expressões de culturas populares afrodescendentes e indígenas ampliaram a noção de direitos à arena da prática cultural.” (FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018, p. 34).

---

<sup>6</sup>Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

Aqui não pensamos em um “tipo ideal” de prática (BARTH, 2000, p. 28), garantida por lei, mas entendemos a complexidade e o processo de uma manifestação religiosa e cultural que já passou por supressões políticas e religiosas<sup>7</sup> no início do século XX na cidade de São João del-Rei. Por isso ter o aparato constitucional étnico fornece a garantia e alternativa da livre expressão sociocultural. Nessa lógica entendemos com Mintz (2009) que “as pessoas adquirem experiência enquanto estão sendo acionadas e enquanto agem.” (MINTZ, 2009, p. 237). É de acordo com o ponto de vista de Mintz que entendendo a Congada na histórica São João del-Rei, enquanto processo e elemento da cultura negra. Em breve daremos sequência no estudo de caso, almejando “traçar a curva de um discurso social” (GEERTZ, 1989, p. 29). Mas antes partiremos para algumas definições a respeito da Congada.

### **Tambores na Igreja: Congada**

A Congada ou Congado corresponde a uma performance que envolve dança, canto, rituais de cunho sagrado e o culto aos ancestrais, fazendo referência aos reinos da região do Congo – África Centro Ocidental –, dos séculos XVI ao XVIII. A prática está ligada ao encontro de atividades luso-africanas, uma vez que alguns reinos do Congo se converteram ao catolicismo, todavia, dentro de um cristianismo africano. (ANDRADE, 1959. SOUZA, 2002)

Souza (2002) nos explica que parte do cristianismo africano, incorporado pelos povos congolezes, deriva do processo traumático que os negros experimentaram ao deparar com os brancos no território Congo, brancos que chegaram por via marítima. Conforme a cosmovisão banta (identidade de alguns povos da África Centro Ocidental), é possível o contato e diálogo entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, também chamado de mundo ancestral. Entre os vivos as pessoas são de epiderme preta, já os espíritos ancestrais são brancos. Os espíritos viviam no além-mar. Por meio de rituais através das águas – quer seja do mar, rios, lagos e riachos – e demais elementos da natureza, conversas, adivinhações e iniciações são estabelecidas entre os dois mundos. Nesse sentido, a autora aponta

---

<sup>7</sup> Segundo Santos (2016), que apresenta estudos sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João del-Rei, com um olhar atento aos reis do Rosário, as festas na igreja do centro histórico acontecem, porém, sem o incentivo a presença dos Congados. Embora existissem ritos do Congado proferidos pelos membros da confraria até o início da República. Cf. (SANTOS, 2016). Conferir também ADÃO (2001), o autor fala sobre festas populares suprimidas pelo bispo de Mariana, Dom Helvécio Gomes de Oliveira, em 1924.

para a surpresa e leituras de diferentes ordens que fora o encontro de congoleses com os portugueses que chegaram pelas águas do mar, destacando o trauma dos negros diante dos primeiros contatos e relação estabelecida. Pela ótica de leituras distintas, mas que ao mesmo tempo incorpora os novos elementos, Souza nos fala sobre a consolidação do catolicismo negro entre os congoleses, sublinhando a combinação entre as práticas bantas que traziam um olhar próprio a respeito dos símbolos católicos. (SOUZA, 2002, pp. 63-67).

A Congada traz, então, a etnicidade de uma prática católica que nasce da combinação das estratégias catequéticas em louvor a Nossa Senhora do Rosário, a santa que conforme o mito veio das águas, e que apenas aceitou sair de lá por meio dos batuques dos negros, que com suas danças e sons ativados pelos tambores, a levaram para a igreja. Mas não só, santos como São Benedito, Santa Efigênia, São Elesbão, entre outros também foram relacionados com as ritualísticas dos Congos. No entanto, entre os bantos não há uma centralização da manifestação cantada e dançada, os ritos acontecem de acordo com a identidade, crença e estilo dos sujeitos que formam o grupo. Dividindo-se conforme as tradições do: 1) Congo, em que os cantos e danças são mais agitados, de caráter alegre, e as vestes são coloridas. Em cortejos congadeiros costumam ser o grupo que vem à frente, fazendo a limpeza do local. (SILVA, 2016, pp.63-64).; 2) Moçambique, que em alguns momentos possuem a dança mais lenta, em outros elas se tornam agitadas, de aspecto guerreiro. A tradição moçambiqueira estaria relacionada com os saberes dos feiticeiros bantos. Além dos tambores, os ritmos da dança e dos cantos são acionados por guizos ou gungas amarradas aos pés, os cantos costumam ser de lamentos e/ou protestos. As cores das bandeiras ou indumentárias dos membros do grupo geralmente são brancas e azuis. No cortejo ficam em último lugar, carregando os santos da procissão, sendo Nossa Senhora do Rosário imprescindível. (MONTEIRO, 2016. SILVA, 2016, p. 62).; 3) Catopé, possui uma dança e canto cadenciados. André Luiz Mendes Pereira no documentário (En) Cantos do Congado<sup>8</sup> nos diz que o Catopé mistura os gêneros, trazendo a ambiguidade da satisfação e do lamento em um mesmo contexto. A performance e sonoridade assemelha com a do Moçambique, enquanto as vestes se aproximam do Congo, sendo mais coloridas. No cortejo congadeiro costumam vir no fim, antecedendo os moçambiqueiros. (PEREIRA, 2018. SILVA, 2016, p. 63).; 4)

<sup>8</sup> André Mendes é antropólogo e músico com estudos etnomusicológico, um dos depoentes do documentário historiográfico “(En) Cantos do Congado”, produzido por ASSIS, S.; AVELAR JUNIOR, S. P.; BRUGGER, S. M. J.; PALHA, C. R. L. 2018.

Caboclinhos, fazem alusão aos povos indígenas, com penas nos colares, indumentárias da cabeça e do corpo. As músicas e danças acionam palavras e performances indígenas. (SILVA, 2016, pp. 64-65).; 5) Vilões, conforme André Luiz Mendes Pereira<sup>9</sup> são grupos de abertura, assim como os Congos, mas as danças são ainda mais agitadas e rápidas. (PEREIRA, 2018).; 6) Marujos, fazem referência aos marinheiros, com danças e músicas que remetem aos povos das águas. Trazendo também elementos de luta, de guerra. (SILVA, 2016, pp.65-66). Destacamos que os aspectos das tradições da Congada são apresentados de forma geral, depende sempre da identidade do grupo para uma afirmação contundente. Sublinhamos ainda que não há um grupo mais ou menos legítimo que outro, cada um se configura conforme suas práticas e crenças relacionadas ao universo congadeiro.

### **Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, São Dimas, São João del-Rei**

Maria Auxiliadora Mártir<sup>10</sup>, filha de Maria da Glória Mártir e José Aquino Mártir, tinha na ocasião da entrevista, em 2016, 52 anos de idade, é capitã do terno Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, do bairro São Dimas na cidade de São João del-Rei. A capitã já liderou aproximadamente sessenta pessoas no terno, desde crianças até sujeitos com idade maior que a dela, como as bandeireiras do grupo, Sra. Maria Isabel da Anunciação – vulgo Belinha, e Sra. Mercês Maria de Oliveira Lima, que possuem mais de 80 anos. Hoje, segundo a capitã, o grupo contém um número menor de integrantes e com predomínio de idosos, mas que tocam com emoção em muita gente, em muitos jovens. É através da voz e das memórias acionadas por ela, a capitã Maria Auxiliadora, que iremos caminhar pela história da Congada na comunidade (como ela se refere ao bairro) São Dimas e traçar uma história negra da família Mártir em São João del-Rei. É também a capitã quem nos liga a outros sujeitos e abre portas para refletirmos com mais abrangência sobre as memórias do cativo e experiências da pós-emancipação, destacando alguns pontos do catolicismo negro no Brasil.

Conforme Freitas (2002), a voz por si só é um elemento a ser problematizado, uma vez que transmite discursos, não é neutra, carrega intencionalidades quer seja de

---

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup>Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

ordem simbólica ou direta. No processo da história oral o sujeito da entrevista é convidado a falar a partir dos questionamentos que propomos, nesse processo de rememoração e estruturação do que é dito, elabora um discurso, emite ideias e valores, interpreta circunstâncias e contextos. Mesmo que falte com a verdade, a linguagem fornece ganchos para que problematizemos o que é falado ou esquivado no processo da representação e interpretações da imagem que deseja transpor. Ainda com Freitas entendemos que a história oral enquanto suporte possibilita “a documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento.” (FREITAS, 2002, p. 48). Freitas também pontua que a história oral traz luz a lembranças e que as lembranças destacam a memória coletiva. (FREITAS, 2002, p. 52).

Ao que se refere à memória coletiva, concordamos com as considerações de Maurice Halbwachs (2006), a memória individual está associada à memória coletiva, sendo uma leitura pessoal a partir de uma vivência grupal. Esta memória não é estática, pelo contrário, é dinâmica, ganhando características próprias conforme a circunstância vivenciada e/ou posicionamento dos sujeitos que retomam as tais lembranças, que estariam interligadas às ações individuais, coletivas, ou apenas de conhecimento prévio. Ademais, uma mesma memória acionada no presente pode ser distinta da do passado, ou mesmo de minutos atrás, uma vez que também estão em voga as interpretações e reinterpretações que determinado sujeito faz sobre o que é rememorado. (HALBWACHS, 2006).

Pelo prisma de memórias coletiva retomamos as narrativas da capitã Maria Auxiliadora que nos conta sobre sua relação com as festas religiosas e populares. Além da memória compartilhada também nos atentaremos para as marcas, ou seja, as características culturais e intencionalidade que nos foram apresentadas. Para tanto, entendemos com Ruben (1988) que “a marca é, pois, no interior da teoria da identidade, a própria condição da existência da sociedade.” (RUBEN, 1988, p. 90). E que “a intencionalidade política se conjuga na noção de identidade.” (RUBEN, 1988, p. 90)

Nessa ótica acionaremos escutas entre a memória coletiva e as marcas deixadas pela família da capitã Maria Auxiliadora. Não seguiremos uma linearidade para retratar as experiências da congadeira, bailaremos como as memórias, em idas e



vindas, para restituir a trama familiar. Mas antes apresentaremos o aspecto geográfico e o contexto da formação do bairro São Dimas em São João del-Rei.

### **Espaço-Tempo**

No pós-abolição, ainda no século XIX, a cidade de São João del-Rei passa por processo de redefinição espacial, ligado às atividades econômicas. Conforme Graça Filho, houve um processo de industrialização, a Companhia Estrada de Ferro Oeste de Minas, que estendia as relações comerciais de São João del-Rei com “Rio de Janeiro, zona da Mata e todo oeste de Minas” (GRAÇA FILHO, 2002, p. 229), é um dos pilares das mudanças estruturais da região. Cabe destacar que mais companhias foram construídas nas últimas décadas dos oitocentos, como a “produção têxtil da Companhia Industrial Sanjoanense”, a “Cia. Agrícola Industrial Oeste de Minas”, entre outras (GRAÇA FILHO, 2002, p.47; CARNEIRO, 2009, p.4). Conforme Carneiro (2009), São João del-Rei viveu significativos processos de industrialização, com construções “faraônicas” no Brasil República, até os anos 1960. O que acarretou em expansão territorial da cidade, propiciando a formação das periferias populares. (CARNEIRO, 2009, p. 5).

Segundo Barros (2004), o local em que hoje é o bairro São Dimas corresponde a região que “por volta do final do século XVIII, era usado como caminho por tropeiros, comerciantes e produtores rurais do município de São João del-Rei e microrregião, para escoar sua produção e adquirir outros produtos.” (BARROS, 2004, p. 3). Ainda com Barros descobrimos que a região era denominada “Lava-Pés”, pois de acordo com “antigos moradores, recebeu este nome devido à existência, no local, de um curso d’água chamado Cavinha, onde os viajantes costumavam parar e descansar antes de entrar na cidade, aproveitando a água para lavar mãos, rostos e pés.” (BARROS, 2004, p. 3). Por meio de localizações geográficas e pistas presentes nos Arquivos da Paróquia de São João Bosco, Barros mapeou escrituras de compra e venda de terrenos na região do bairro que datam do início do século XX, 1925. Detectou que o nome do bairro, enquanto São Dimas, veio por volta dos anos 40, quando construíram a capela do bairro em louvor ao santo. (BARROS, 2004, p.3). De acordo com as pesquisas de Barros, o poder executivo de São João doou partes do terreno do município na região do bairro São Dimas para famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica, no começo do século XX. Áreas que se equiparavam

com as dos registros de compra e venda que o autor encontrou em arquivos paroquiais. Barros ainda destaca que o poder público” se limitou a repassar lotes para famílias de baixa renda, sem controle formal algum sobre ação. Todas as obras de infraestrutura, bem como os equipamentos urbanos, ficaram à revelia de possíveis planos de urbanização da prefeitura.” (BARROS, 2004, p. 5).

Apresentado brevemente o contexto de surgimento do bairro São Dimas, voltamos agora para a trajetória da família Mártir. Partiremos do patriarca, José Aquino Mártir, que de acordo com Maria Auxiliadora<sup>11</sup> foi um dos primeiros a adquirir terreno no bairro.

### **Um Forte Benzedor Funcionário do Estado das Gerais: José Aquino Mártir**

Maria Auxiliadora, ao compartilhar suas lembranças de vida, nos conduz até os movimentos do Sr. José Aquino Mártir, homem negro de quem herdou o sangue baiano e alguns dons religiosos. A capitã nos disse que tem quem a protege, perguntamos de onde vinha a proteção e obtivemos a resposta: “*Eu tenho sangue de baiana da parte do meu pai. (...) eu sou neta de baiano, de sangue mesmo.*”<sup>12</sup> Nesse sentido, percebemos a identidade africana da capitã Maria acionada pela ponte baiana.

Sr. José nasceu na cidade de Nazareno, Minas Gerais, no ano de 1902, mas seus pais vieram da Bahia. Não conseguimos precisar a data e as razões, no entanto, podemos pontuar o itinerário de uma família negra que mudou de terras baianas para terras mineiras. Destes itinerários espaciais também destacamos a mudança do Sr. Aquino, de Nazareno para São João del-Rei, por conta de melhores condições de trabalho.

Segundo o relato de Maria Auxiliadora<sup>13</sup>, constatamos que até os anos 60 seu pai, José Aquino, era funcionário do estado de Minas Gerais<sup>14</sup> atuando pela prefeitura

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 21/03/2018.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Conforme o Diário Executivo de Minas Gerais, no Caderno 1, de agosto de 2014, O Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais traz informações sobre o benefício de pensão por morte de José Aquino Mártir destinado a Maria Auxiliadora Mártir.

Cf: [http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/128554/caderno1\\_2014-08-23%208.pdf?sequence=1](http://jornal.iof.mg.gov.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/128554/caderno1_2014-08-23%208.pdf?sequence=1)

de São João del-Rei. Trabalhava como encarregado de estrada, monitorando a abertura e melhoramento dos caminhos que ligam a região das Vertentes, que recebiam asfalto. Não conseguimos precisar a data inicial desse trabalho, mas sabemos que nos anos 30, mais especificamente em 1934, o Sr. José Aquino adquiriu terras no bairro São Dimas pelo valor de 20 contos de réis. Local em que construiu uma casa de adobe<sup>15</sup>. Uma das primeiras casas da região que era uma espécie de vale, vejamos a descrição da Maria sobre o território: *“Aqui não tinha rua era um valo. Valo você sabe o que é, né? Um buraco. Ai aqui, assim, era um valo, valo de cá e valo de lá, só tinha o cruzeiro onde os meninos (...) as crianças ficavam jogando bola aqui desse lado de cá. Depois que veio essa capela.”*<sup>16</sup> A capitã nos disse que foi seu pai quem ergueu o cruzeiro de madeira do bairro. O cruzeiro fica ao lado da capela Nossa Senhora do Rosário que foi construída nos anos 80, ambos ficam em frente à casa da capitã. Casa que hoje não é mais de adobe, conserva propositalmente apenas uma parede desse tempo. Sabemos que Sr. José Aquino nasceu em 1902 na cidade de Nazareno-MG, é negro, possui laços consanguíneos na Bahia, que era encarregado de estrada na condição de funcionário do estado de Minas Gerais, e que em 1934 – 46 anos no tempo da liberdade – adquiriu terras sanjoanenses, num bairro que estava por nascer de forma suburbana como vimos anteriormente. “A mobilidade espacial e a valorização do controle do trabalho familiar marcariam, porém, muitas discontinuidades, celebrando o tempo da liberdade.” (RIOS e MATTOS, 2005, p. 126).

José Aquino Mártir, um dos primeiros moradores do São Dimas ergueu um cruzeiro de madeira próximo a sua casa, a nova morada. Conforme Brügger (2017), que analisa, a partir da historiografia sobre o tema, sistemas de reconfiguração da cosmovisão banta, isto é, um tronco linguístico-cultural da África Centro Ocidental que atravessou o Atlântico no tempo do cativo e deixou influências, heranças religiosas e culturais nos descendentes afro-brasileiros, a cruz simboliza um local de contatos, travessia e conversas entre os vivos e dos mortos. (BRÜGGER, 2017, p. 6). A autora recorre à obra de Karasch (2000), que explica ser a cruz para os povos bacongus, no Congo, África Centro Ocidental, uma representação da ponte com o céu e a terra, a parte superior, o céu, comunica com Deus, e a parte inferior, a terra,

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

<sup>16</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 21/03/2018.

comunica com os ancestrais. (KARASCH, 2000, p. 364). Ainda com Karasch entendemos que a cruz estava presente em rituais dos povos bantos antes da presença missionária dos católicos e que a cruz dentro deste tronco cultural não carrega a presença de um Cristo que sofre. Ademais, “para ter força, eles [africanos centro-ocidentais] se realizam numa cruz e as oferendas são deixadas em encruzilhadas.” (KARASCH, 2000, p. 364). Num plano simbólico podemos dizer que José Aquino acionou as forças divinas e ancestrais na nova morada. De acordo com a filha, Maria Auxiliadora, o pai era um poderoso benzedor. Nas palavras dela: *“Tirava uma pinga de qualquer um, menina do céu, precisa de ver! (...) um benzedor excelente. Aqui tem até uma cabecinha de veado, de remédio que ele fazia. Ele era um benzedor muito dos bons!”*<sup>17</sup> Sweet (2007), em pesquisa sobre as religiões africanas, aborda a atuação dos curandeiros e feiticeiros, sujeitos que mediante a crença nos poderes naturais e sobrenaturais, manipulava remédios, geralmente com folhas, ervas, raízes e elementos da natureza, para curar pessoas. (SWEET, 2007, p. 129).

O Sr. José Aquino também era bastião<sup>18</sup> na Folia de Reis do bairro São Dimas, tocava instrumentos e dançava muito. Conforme nos conta Maria Auxiliadora, foi foliando com os santos Reis que ele faleceu, no dia 6 de janeiro de 1966. José Aquino almoçou e logo saiu com o grupo de Reis, sua filha conta que ele dançava muito e teve uma congestão, assim que encontrou com outro grupo na Rua Modesto Paiva. *“Encontrou com outra Folia e ele pulava muito, eu não conheci que eu era muito menorzinha, diz que ele dançava muito. Aí a comida em vez de descer, ela atravessou, e lá mesmo ele ficou na rua, morto, lá mesmo.”*<sup>19</sup> A Folia de Reis é uma comemoração de cunho católico, relacionada com o nascimento de Cristo, os reis magos que vão visita-lo seguindo as coordenadas astronômicas da estrela que brilhava fortemente para o lado do Oriente, e a presença dos palhaços, os bastiões que protegiam o Menino Jesus na ida para o Egito, quando fugia da perseguição. Montecuccolo (1965) nos relatos missionários referente as regiões do Congo, Matamba e Angola, conta que em meados do século XVII ao apresentar a encenação do nascimento do Menino Jesus no momento da missa, no reino de Matamba, a

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 21/03/2018.

<sup>18</sup> Conforme Maria Auxiliadora explicou, o bastião é também chamado de palhaço dentro da Folia de Reis, nomenclatura que muda de local para local. Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 21/03/2018.

<sup>19</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

rainha não apenas assistiu a representação como acrescentou elementos de louvor e devoção aos Reis Magos e Jesus Cristo no momento da missa. (MONTECUCOLO, 1965, p. 124) Podemos perceber o diálogo entre diferentes culturas em ação. Karasch (2000) fala sobre a popularidade dos santos negros para escravizados no Rio de Janeiro, do século XIX, explica que “Baltasar, que se acreditava ser o terceiro rei mago e rei do Congo era o soberano na Lampadosa.” (KARASCH, 2000, p. 373). Tais considerações de Karasch sobre Baltasar, rei mago e rei do Congo nos permite aproximar Folia de Reis e Congado. No Congado, sabemos dos confrontos que podem (ou não) acontecer entre grupos que se encontram e desafiam uns aos outros, quer seja por ordem direta ou velada, mediante aos conhecimentos e crenças e cosmologia africana centro ocidental. É no mínimo intrigante o falecimento do Sr. José Aquino ser exatamente no dia dos santos Reis, no momento em que “dançava muito” perante o encontro com outra Folia. Conforme nos disse Maria Auxiliadora, ele faleceu em um “dia forte”, abençoado pelos “santos Reis”.

As lembranças e histórias que a capitã Maria Auxiliadora carrega do pai fazem parte da memória partilhada por sua mãe, Maria da Glória Mártir, que ficou viúva aos 24 anos de idade, sendo mãe de três filhos: Antônio, Maria Auxiliadora e Paulo Roberto, na ordem de nascimento. A capitã também nos conta que o Sr. José Aquino ficou viúvo do primeiro casamento e que teve um filho, José Ramiro do Nascimento, dessa outra união. José Ramiro, Zezinho como era chamado, inclusive serviu na segunda guerra mundial. O desejo do pai era vê-lo novamente. Em um sonho, Nossa Senhora das Mercês avisou ao Sr. Aquino que o filho, Zezinho, voltaria em breve, e ele voltou mesmo. Até recentemente morava na cidade de Varginha – MG, e mantinha contato com a irmã paterna. Veio a falecer em meados de 2018.

José Aquino era um homem bem mais velho que Maria da Glória, quando se casaram ela estava grávida do Antônio, fruto de uma outra história, uma outra relação que vamos contar nas próximas linhas. Por enquanto o que fica são os passos, as memórias do tempo da liberdade, desse benzedor, folião de Reis, funcionário do Estado como encarregado de estrada, que construiu uma das primeiras casas do bairro São Dimas, que firmou o cruzeiro, os laços sagrados do local, e que formou parte da família que vive e atua na difusão da cultura e religiosidade afro-brasileira presente nos Congados da cidade de São João del-Rei.



## Rainha Conga, Festeira e Senhora dos Movimentos: Maria da Glória Mártir

Maria da Glória Mártir, filha de José Augusto dos Santos e Maria José de Jesus, nasceu na cidade de Resende Costa-MG, nos anos 40. Os pais trabalhavam com lavoura nas fazendas da região. Cabe destacar que se trata de uma família negra, como disse Maria Auxiliadora, que “deve ter um pezinho na senzala”.<sup>20</sup> O pai, Sr. José Augusto também era vendedor de broa, saía com um balaio vendendo quitutes, inclusive recebeu o apelido de Zé da Broa, conforme relata a neta.<sup>21</sup> A Sra. Maria José faleceu deixando suas filhas ainda crianças, Maria da Glória e outra menina. O Sr. Zé da Broa arranhou uma nova companheira, passou a viver com uma mulher que tinha 3 filhas, meninas que ainda não eram registradas, mas que o avô cuidou desses procedimentos. A madrasta<sup>22</sup>, porém, maltratava as filhas do José Augusto, não partilhava as refeições de maneira igual entre as crianças, deixava a Maria da Glória e a irmã apenas com as sobras de alimentos. Maria da Glória na procura de uma vida melhor mudou para a cidade de São João del-Rei, trabalhava em casa de família. Logo depois a irmã também migrou para São João, isso ainda crianças, bem novinhas. Maria da Glória mudou de São João del-Rei para o Rio de Janeiro, trabalhou por lá alguns anos em casa de família, como nos conta Maria Auxiliadora. Aqui percebemos a “mobilidade espacial” como mecanismo para driblar as adversidades socioeconômicas. (RIOS e MATTOS, 2004, p. 113).

No Rio, Maria da Glória enamorou-se por um dos diretores do jornal carioca “Diário de Notícias”<sup>23</sup>. Engravidou e voltou para Minas para buscar os documentos que estavam com o pai, José Augusto, – nesse momento o avô também havia mudado para São João del-Rei – pois ia se casar com o jornalista. O Sr. José Augusto não permitiu o casamento, nem que a filha voltasse para o Rio de Janeiro. Maria Auxiliadora conta que um padre de São João del-Rei obrigou a Maria da Glória a se casar com o Sr. José Aquino Mártir. Não sabemos se a obrigação do confrade também

<sup>20</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

<sup>21</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 21/03/2018.

<sup>22</sup> Segundo a capitã Maria Auxiliadora, a segunda esposa do seu avô, José Augusto dos Santos, é avô do Cafu, o ex-jogador da seleção brasileira de futebol.

<sup>23</sup> Diário de Notícias era um jornal do Rio de Janeiro que começou a circular em 1930 e findou em 1974. Informações obtidas no sítio eletrônico FGV-CPDOC. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-de-noticias-rio-de-janeiro>

parte do pai, José Augusto, e quem sabe do próprio José Aquino. Segundo as considerações da capitã, é provável que a mãe tenha sido feliz com o Sr. José Aquino, mas que em momentos Maria da Glória chegou a comentar que a vida poderia ter tomado outros rumos caso tivesse casado com o diretor do “Diário de Notícias”, o pai do seu primeiro filho, Antônio Mártir, que foi recebido, criado e registrado como filho legítimo por José Aquino. Dessa relação também nasceu o Paulinho, irmão consanguíneo por parte de pai e mãe da Maria Auxiliadora.

Anos depois Maria da Glória teve mais dois filhos; Sidney, conhecido como Cidinho, e Nilo. O Nilo nasceu em casa pelas mãos da capitã Maria Auxiliadora, que ao ver a mãe passando mal foi ajuda-la, e para a surpresa de todos estava grávida, nesse momento Maria tornou-se a parteira do irmão, num domingo de 1982, em plena copa do mundo. Como diz:

“eu fui ajudando-a, empurrando, e na hora que ele nasceu, não estava esperando então não tinha nada preparado, entendeu? Aí peguei uma tesoura que estava jogada lá, medi, amarrei e cortei. Risos! Está ele aí, você viu, um baita de rapaz, né, um rapazão, um rapazinho. E assim é a vida, né?”<sup>24</sup>

A capitã do Moçambique e Catopé conta que após a morte do Sr. José Aquino, em 1966, a família passou muita dificuldade. Um dos motivos pelo qual carrega o São Benedito como um dos padroeiros do grupo de Congada é porque ele é o santo cozinheiro, ajuda as pessoas a não passarem fome, a ter fartura na cozinha, pois de acordo com as experiências dela: *“Fui uma pessoa que sofri muito na vida. Meu pai faleceu nós ficamos pequenininhos, sabe, então a gente passou muita fome, fome mesmo. E está ele [São Benedito] aí agora, né, para ajudar a gente, né? Muito bom!”*<sup>25</sup> Dentre os diferentes mitos que permeiam o santo cozinheiro, diante de estratégias catequéticas coloniais, está que “São Benedito foi originalmente um escravo cozinheiro que escondido dos senhores alimentava os cativos que passavam fome.” (COSTA *apud* MONTEIRO, 2016, p. 48).

Maria Auxiliadora nos diz que a mãe, Maria da Glória trabalhava muito, quer seja em casa de família, rachando tora de lenhas, e que depois foi cozinheira por muito tempo em restaurantes<sup>26</sup> no centro de São João del-Rei, a capitã destaca: “ela era uma excelente cozinheira.” Maria Auxiliadora não deu sequência nos estudos

<sup>24</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Restaurantes Umuarama e Coringão na Av. Tancredo Neves.

básico e fundamental, em acordo com a mãe ficou em casa para cuidar dos irmãos enquanto Maria da Glória trabalhava para sustentar a família.

Maria da Glória era a rainha Conga do grupo do Sr. José Camilo, um dos congadeiros mais antigos da comunidade São Dimas. Também se tornou a festeira do bairro após o falecimento de Dona Lode, a senhora que organizava o almoço e detalhes burocráticos para a organização da festa e encontro congadeiro anual da comunidade. Conforme explicado pela capitã Maria Auxiliadora, a mãe era muito vaidosa, exigia que todos os grupos de Congado cantassem em frente à casa dela, mas saía apenas como rainha do grupo do Sr. José Camilo. Vejamos:

“Ela era toda vaidosa, se tivesse 50 grupos de Congados, todos os 50 tinham que cantar para ela lá na minha porta. Ela não saía. (...) Todo Congado tinha que ir lá cantar para ela. Só o que tirava ela era o do Zé Camilo. [risos] Só. Ela não aceitava outro também não. Ela exigia, todos tinham que cantar, mas para sair só com o do Zé Camilo.”<sup>27</sup>

Ser rainha Conga representa acionar o reinado e toda uma corte de povos negros da África Centro Ocidental. Sobretudo do Mani Congo com os povos bacongos, que mediante as tentativas catequéticas de missionários portugueses, em torno dos séculos XV e XVIII, na escravização e tráfico de povos africanos, traduziam o catolicismo com base nos códigos culturais que conheciam. Essa tradução se dava nas crenças que praticavam, formando uma identidade que não era pura e simplesmente branca, católica, nem mesmo unicamente africana. Mas uma nova identidade na construção do catolicismo negro que atravessou o Atlântico chegando em terras brasileiras. (SOUZA, 2005, p. 85; 2002, p. 323). O Congado, que também é acompanhado de músicas e batuques afro-brasileiros, rememora o tempo do cativo, remonta as estratégias e consolidações identitárias de pessoas escravizadas que se uniram em irmandades, sobretudo em louvor a Nossa Senhora do Rosário, para manter vivos ao mesmo instante em que resignificavam devoções, valores religiosos e socioculturais. Ressignificações que acontecem frequentemente, seguindo o dinamismo do espaço tempo. A rainha Conga Maria da Glória, além de remontar o reinado bacongo, representa a própria figura mítica de Nossa Senhora do Rosário, que em diferentes narrativas quer seja na gruta ou no mar, após a tentativa dos cantos de brancos, e mesmo dos batuques dos negros congadeiros, escolhe sair (da gruta ou do mar) para acompanhar e se instalar na igreja, capela dos moçambiqueiros. Mesmo que servisse e ajudasse outros grupos tinha um em

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.



específico que iria seguir. A festeira e rainha Maria da Glória exige que todos os grupos cantem na porta da sua casa, e sai apenas com do Sr. Zé Camilo.

Maria da Glória foi namorada do Sebastião Camilo, filho do Sr. Zé Camilo, dessa relação nasceu seu quarto filho, Sidney, chamado de Cidinho, que também é congadeiro por influência materna e paterna. Ele canta e toca no grupo da capitã Maria Auxiliadora. A capitã nos diz que no tempo da mãe as festas de Congada eram muito boas e um pouco diferente de agora. Vejamos:

“Era muito boa a festa no tempo dela aqui. Nossa, totalmente diferente de agora. Essa praça era lotada, o almoço era na minha casa. A nossa casa era bem velhinha, sabe, de adobe, telha caindo, escorada com pau. O prefeito ia almoçar lá, o Rômulo Viegas<sup>28</sup>, os vereadores, todos na minha casa, lá dentro de casa. Era muito bom! O almoço na horta, na barraca, sabe? Muito bom, muito bom mesmo!”<sup>29</sup>

As informações referem-se aproximadamente aos anos 80, momento em que diferentes grupos e segmentos socioculturais se uniam para festejar e se alimentar na casa da matriarca, rainha e festeira Conga Maria da Glória Mártir. Maria Auxiliadora acredita que a mãe era muito visada por conta do status de rainha e festeira, tanto que afirma terem feito uma “mandiga” para ela, com “coro de sapo, de cobra e um aborto”<sup>30</sup>. Ela superou o infortúnio, mas veio a falecer, em 1990, por conta de um AVC. Vejamos:

“A minha mãe passou por um momento também de mandinga, por ela ser festeira fizeram o mal para minha mãe. Ela morreu de mal. Ela tomou uma injeção, ela empipocou, depois que ela empipocou foi para o hospital, ficou internada um bom tempo. Aí eu dava banho na minha mãe, a pele dela ressecou, sabe, eu nem sei como explicar, um coró tipo um coró seco, a pele todinha dela. Eu dava banho nela, você podia puxar assim, ô, a pele dela soltava inteirinha do corpo. Aí eu comecei a passar óleo de cozinha para ajudar amaciar. Aí dizem que não existe mal, existe sim. Fizeram na terra que treme um trabalho para ela: coró de sapo, de cobra e um aborto. Aonde ela soltou a pele toda do corpo. Mas quando ela morreu ela estava linda, ela já estava curada. Mas ela estava muito fraca, para ela deu AVC, ela não resistiu.”<sup>31</sup>

Brügger (2017) cita estudos de Cramer, Vansina, Fox e Karasch sobre o “complexo ventura-desventura” presente na cosmologia banto em que forças naturais e espirituais desencadeiam vivências boas e/ou ruins no cotidiano, quer seja entre o mundo dos vivos ou no mundo dos mortos, acarretando experiências de “ventura” e “desventura”, em situações de equilíbrio ou instabilidade. (KARASCH 2000; BRÜGGER, 2017, p. 5). Conforme a autora:

<sup>28</sup> Rômulo Viegas foi vereador (1982 – 1988), ocupou a cadeira de presidente da câmara na cidade de São João del-Rei (1985 – 1986), e prefeito na cidade de São João del-Rei (1989 – 1992) Cf. [https://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%B4mulo\\_Ant%C3%B4nio\\_Viegas](https://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%B4mulo_Ant%C3%B4nio_Viegas)

<sup>29</sup>Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Idem.

“Esse desequilíbrio da ordem natural, entendido como “desventura”, manifestava-se em toda ordem de problemas de saúde, fracasso, empobrecimento, morte, destruição. Portanto, se a “desventura” era provocada pelo acionar de forças que classificaríamos como “sobrenaturais”, era também nestas instâncias que deveria ser buscado o restabelecimento do estado de “ventura”, através de orientações espirituais, amuletos e rituais.” (BRÜGGER, 2017, p. 5)

Nessa ótica do “complexo ventura-desventura”, pensamos na mandiga enviada para Maria da Glória, que lhe trouxe momentos de desventura, materializando em problemas de saúde que a levaram à morte. No entanto o falecimento não foi exatamente por conta do trabalho religioso destinado a Maria, pois como a filha narra, antes de morrer ela havia se livrado da mandiga, “estava linda”, havia estabelecido a ventura. Em outra entrevista<sup>32</sup>, a capitã nos explicou os procedimentos de reversão do feitiço. Seguindo instruções religiosas, ela e o irmão Cidinho colheram a primeira urina de uma vaca preta e água da mina para dar a mãe, que reverteu o mal e obteve cura. A morte veio pela fraqueza do corpo que não superou o AVC.

Maria Auxiliadora tem um carinho e respeito muito grande pela mãe, quando canta destina músicas para alma dela, guarda seus vestidos e coroas de rainha Conga. Nos disse que não aceita sair de rainha no Congado, pois não deseja ocupar o lugar que é da Maria da Glória. Vejamos as considerações da capitã: “*Eu não sou digna de colocar uma coroa. Quem sou eu para ter o lugar da minha mãe? Jamais! Não. Esse lugar só pertence a ela mesmo, rainha Conga, só é dela mesmo.*”<sup>33</sup> No momento da entrevista essas considerações causaram um certo incômodo na pesquisadora, que depois de alguns momentos e desdobramento da conversa voltou ao assunto, mesmo que de maneira reticente, afirmando que a capitã também era digna de sair de rainha. Obteve a resposta: “*Ah! Quem sou eu? De capitã já está bom.*”<sup>34</sup> Houve encontros de diferentes lógicas e tempos nesse momento da entrevista. Maria Auxiliadora ensinava a pesquisadora o papel e peso dos ancestrais, não era a condição de rainha em si, sim o respeito e devoção à mãe, ao papel que era dela, e de mais ninguém. Sweet (2007) nos ajuda a compreender as relações familiares dos vivos e dos mortos na ótica africana centro ocidental, neste caso também do catolicismo negro:

“Depois da morte, em vez de seguirem em direção ao Paraíso ou ao Inferno, as almas africanas iam para o mundo dos seus antepassados, onde se juntavam as almas de seus familiares “mortos”; no entanto continuavam a ser capazes de ocupar o espaço temporal que lhes coubera quando estavam “vivos”, influenciando dessa

<sup>32</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 21/03/2018.

<sup>33</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

<sup>34</sup> Idem.

forma as vidas dos seus familiares e amigos ainda vivos. (...) A maioria dos africanos viam as crenças religiosas como forma de explicar, prever e controlar os eventos do mundo à sua volta.” (SWEET, 2007, p. 133)

Maria Auxiliadora ao cuidar dos pertences da mãe, vestidos e coroas ia armazenando elementos do acervo material do grupo. A capitã nos conta que vez ou outra lavava os vestidos que são brancos para não encardirem. Ao ver as roupas no varal era como se a mãe estivesse ali. Hoje parte desse acervo, não apenas o vestido e coroa da rainha Conga Maria da Glória, mas também o pandeiro do falecido Mauro, marido de Maria Auxiliadora, bandeira, chapéu, e demais elementos do grupo, compõem a exposição permanente do Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, no terceiro andar do Museu Regional de São João del-Rei<sup>35</sup>. A exposição foi inaugurada no dia 20 de novembro de 2017, dia nacional da consciência negra, durante o evento “Semana de Valorização da Cultura Afro-brasileira”<sup>36</sup>, organizado pela equipe coordenada pela diretora do Museu, Rosiane da Silva Nunes. Maria Auxiliadora arranhou mecanismos para colocar a mãe em um local de reconhecimento social, não apenas a mãe, mas a memória congadeira do grupo, arquivando registros e marcos da cultura negra na histórica São João del-Rei. Por meio do patrimônio material e imaterial, Maria da Glória Mártir, a senhora dos movimentos congadeiros continua viva, evocando memórias, inspirando festas e o seu reinado Congo entre nós.

### **Fértil Percurso da Sonora Capitã: Maria Auxiliadora Mártir**

*“Se mil vidas tivesse, mil vidas daria para louvar o Rosário de Maria”<sup>37</sup>*

*“Eu não sei das outras comunidades, mas a Nossa Senhora do Rosário nossa, aqui da nossa comunidade, dessa capela, ela é viva. Pode ter certeza!”<sup>38</sup>*

É pela convicção de uma santa viva, por quem entregaria todas as vidas possíveis que Maria Auxiliadora nos fala sobre sua devoção à Nossa Senhora do Rosário. A santa a qual deve “muita obrigação”, a santa que lhe restabeleceu a saúde e a quem agradece por estar literalmente de pé. A santa que, junto a São Benedito, está

<sup>35</sup> Museu Regional de São João del-Rei, Rua Mal. Deodoro, 12 - Centro, São João Del Rei - MG, 36300-074

<sup>36</sup> Conferir o sítio eletrônico do Museu: <https://www.facebook.com/events/487979808235093/>

<sup>37</sup>Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 21/03/2018.

<sup>38</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

à frente, estampada na bandeira do terno de Moçambique e Catopé em que é capitã. Santos com quem estabelece contato e trocas. Difundir a Congada, o rosário de Maria é uma dessas trocas, uma dessas obrigações que paga aos santos. Mas antes de aprofundar nas experiências da capitã, seguiremos as ondas, as memórias compartilhadas da Congada do bairro São Dimas.

José Camilo e Luiz Santana são os mais antigos congadeiros da comunidade São Dimas, cada qual capitão de um grupo de Congado. Por enquanto não conseguimos precisar a data e nem como surgiu cada grupo. O capitão Luiz Santana, ao falecer, deixou como sucessor seu filho, Moacir Santana, no cargo de capitão do terno da família. Até 2016, ou 2017. o grupo esteve na ativa, mas até o momento, devido ao falecimento do capitão Moacir, não temos mais indícios sobre a atuação do grupo.

Maria da Glória Mártir era rainha do grupo de Congado do capitão José Camilo, Zé Camilo como dizem. Se tornou rainha Conga a convite do capitão Zé Camilo e Dona Lode, a primeira festeira das atividades congadeiras no bairro. Após o falecimento de Dona Lode, Maria da Glória, veio a ocupar este lugar, tornando-se rainha Conga e festeira. Foi através do grupo do Zé Camilo que Maria Auxiliadora teve os primeiros contatos com o universo congadeiro. Ela nos disse que tocava tambor nessa época. Conta que no tempo da Dona Lorde a festa do Congado acontecia na capela São Dimas, capela que foi construída por volta dos anos 40, e fica mais no topo do bairro. Mas que por alguns desentendimentos, “num momento de raiva”, como diz<sup>39</sup>, o capitão Zé Camilo decidiu construir a capela de Nossa Senhora do Rosário. Nesse instante, no início dos anos 80, deram início a uma movimentação coletiva para erguer a nova capela. Como Maria Auxiliadora nos disse, pediram para o prefeito Cid Valério<sup>40</sup> a doação do terreno ao lado do cruzeiro erguido pelo Sr. José Aquino Mártir e em frente à casa da família Mártir, o prefeito doou. Após a conquista do terreno saíram com um livro de ouro para angariar fundos e construir a casa do Rosário. Conta que o Cid, porteiro da Santa Casa da Misericórdia levou o livro para pedir donativo aos médicos da cidade. Diz que os moradores do bairro contribuíram e ajudaram na coleta com o livro de ouro, sendo alguns deles: Julieta, Ganso, Nem do

<sup>39</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

<sup>40</sup> Na capela é datada de 1982, e o mandato do prefeito Gerardo Cid de Castro Valério – PMDB – corresponde de 1983 a 1988. Acreditamos que no momento da doação do terreno, em 1982, ele já havia ganho as disputas eleitorais, mas não descartamos a possibilidade de ainda estar pleiteando as urnas eleitorais.

Cachimbo, Vicente e Luiz Santana. Por fim a capela ficou de pé em 1982, pintada de azul e branco, na parte superior da frente da igreja há sua identificação pintada de azul escuro “Capela N. S. Do Rosário”, na lateral do lado esquerdo outra informação: “Construída por José Camilo em 1982”. Inicialmente os santos do interior da capela eram Nossa Senhora do Rosário e os santos pretos, Santa Efigênia, São Elesbão e São Benedito. Hoje mais santos e elementos povoam o altar da capela, segundo a capitã.<sup>41</sup> A construção da capela nos faz retomar os estudos de Brügger e Oliveira (2007), sobre os Benguelas em São João del-Rei, nos séculos XVIII e XIX, sujeitos escravizados que por meio de laços de reciprocidade, afirmação e ressignificações identitária firmaram uma congregação Benguela, inclusive compraram uma casa para instituir “a sede da Nobre Nação Benguela”. (BRÜGGER, OLIVEIRA, 2007, p. 204)

Maria Auxiliadora conta que Raimundo Camilo, filho do capitão Zé Camilo, depois de alguns anos recebeu o cargo do pai, tornando-se o capitão do Congado. Maria Auxiliadora tocou durante alguns anos sob a regência do capitão Raimundo Camilo, mas conta, em consonância com a bandeireira Belinha, que ele “era uma pessoa um pouco difícil de lidar”<sup>42</sup>, por isso alguns membros do grupo decidiram sair e fundar um novo grupo. A ideia inicial foi proposta por Luthero Castorino da Silva e maturada pelos companheiros que concordaram com o desmembramento. No início do século XXI, em 2001, registraram o Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, São Dimas, São João del-Rei, dando início a novos tempos, com permanências e mudanças desses sujeitos na relação com o Rosário. Luthero Castorino da Silva foi o primeiro capitão do novo terno, era ele quem puxava os pontos.

Mas, conforme nos contou Maria Auxiliadora, por motivos de dissonâncias, ele escolheu sair do grupo, levou os documentos de registro até a Maria Auxiliadora e lhe entregou dizendo: “Estou saindo, se vira!”<sup>43</sup> Num primeiro momento, ela lamentou o acontecido, disse que “doeu muito”, hesitou quanto ao futuro do grupo e se questionou: “Mas deixar acabar?”<sup>44</sup> Disse que confiou em Nossa Senhora do Rosário, lhe pediu força. Hoje é grata a Deus, Nossa Senhora do Rosário e a mãe, Maria da Glória, que a fez “se virar” e manter vivo o novo terno. Daibert Junior (2012) fala

<sup>41</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 21/03/2018.

<sup>42</sup> Entrevista concedida por Maria Auxiliadora Mártir a Samuel Pereira Avelar Júnior e Simone de Assis, em São Dimas, São João del-Rei, em 17/05/2016.

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> Idem.

sobre a “morte ritual” dos sacerdotes, os iniciados que possuem os segredos espirituais dentro da cosmogonia banto, que eles passam por um momento de reclusão, morrem simbolicamente para então voltar ao mundo dos vivos. (DAIBERT JUNIOR, 2012, p. 100). Num plano simbólico podemos pensar que Luthero, proponente da ideia do desmembramento com o Congado do Raimundo Camilo, inspirou novas possibilidades, uma nova organização identitária para as pessoas que o acompanharam e contribuíram para a construção congadeira do outro grupo. Ao abandonar o grupo, entregar os documentos para Maria Auxiliadora, que ficou sentida, foi também como se a matasse, numa espécie de “morte ritual” para que a capitã pudesse nascer. Ou seja, Luthero como guia que mostra outros caminhos possíveis, mas que nem sempre o acompanha par a par, numa espécie de desafio que também era empoderador, oportunizou o nascimento da Maria Auxiliadora Mártir enquanto capitã do Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, São Dimas.

Percebemos que além das figuras religiosas, Deus e Nossa Senhora do Rosário, Maria Auxiliadora também aciona a mãe junto das entidades que lhe deram força para manter o grupo. No terno da Maria Auxiliadora não há rainha Conga, mas ela costuma fazer alusão a mãe em músicas e falas sobre o grupo. Silva (2016), ao explicar sobre a realeza, a dimensão e variedade dos papéis sociais dentro dos diferentes grupos de Congado de Minas Gerais, aponta que a Maria da Glória Mártir é uma rainha vitalícia. (SILVA, 2016, p. 311). Rainha vitalícia do Congado do Zé Camilo, e mesmo estando no mundo dos mortos, rainha do Moçambique e Catopé da Maria. Há uma conexão entre os dois mundos, um culto às almas, oferta de músicas, orações e carinho muito grande da capitã para com os antepassados. Acompanhemos na íntegra a canção ofertada a Maria da Glória, representada em um retrato emoldurado, e ao companheiro Mauro, representado pelo pandeiro que tocava, e o desejo de boa união, no momento da entrevista:

**Maria Auxiliadora:** Vou cantar para os dois, Maria da Glória e o Mauro, são dois falecidos, Maria da Glória minha mãe e Mauro meu marido.

**Música:** Ave Maria ele canta lá no céu. Ave Maria ele canta lá no céu. Ave Maria eles cantam lá no céu. Ave Maria eles cantam lá no céu. Ave Maria eles estão no coração. Ave Maria eles cantam lá no céu. Salve Maria da Glória! Salve! Salve o Mauro! Salve! Salve a boa união! Salve!<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> Idem.

Maria Auxiliadora nos explica que a capitã guarda muitos segredos da Congada, e que precisa estar alerta, vigilante ao grupo e ao redor. Vejamos:

“A gente ao mesmo momento, mesmo instante que está tocando, está puxando os cantos, os pontos, você tem que ficar atento ao que está em volta, ao que está ao seu redor também, né? E muita gente faz maldade. Então você fica atento em tudo. Mas no final dá tudo certo.”<sup>46</sup>

Maria Auxiliadora já experimentou infortúnios dentro da vivência do Rosário. Conta que no ano de 2005, no encontro de Congados na cidade Caquende-MG, região das Vertentes, um caco de vidro perfurou seu pé. Junto com a bandeira Belinha, que acompanhou o acontecido, narra que estava sentindo o pé melando, tirou o sapato e constatou que a sensação úmida era porque cortara o pé com um caco de vidro que estava no sapato. Porém, não havia furo no sapato, ela não sentiu o vidro entrar, não sabe como foi parar em seu sapato. O machucado lhe gerou agravos maiores, diz que ao invés de atacar a sola do pé onde o corte foi feito, o peito do pé é que sofreu consequências. Desse problema recebeu o laudo de um médico em São João del-Rei de que teria que amputar o dedinho e a perna. A capitã conta que estava ajudando na festa do Rosário do bairro, pediu ao médico para ir para casa e que voltaria na segunda-feira. A capitã conta que Nossa Senhora do Rosário iluminou os irmãos dela, que arrumaram meios dela ir até Belo Horizonte, para passar em outro médico. Antes de ir para o hospital ela fez o seguinte:

“Eu cheguei assim de joelho diante da bandeira, falei para ela [Nossa Senhora do Rosário]: Sempre que a senhora precisou de mim, eu nunca falei “não” para a senhora. Qualquer hora que a senhora precisa de mim eu estou disponível. Nesse momento eu estou precisando da senhora, a senhora não vai faltar comigo. Agora eu preciso! E fui para o hospital, e estou aqui, graças à Deus, graças a ela! É a vida, né?”<sup>47</sup>

Maria Auxiliadora ia amputar a perna, mas foi salva por Nossa Senhora do Rosário, presente na bandeira do Moçambique e Catopé da capitã. Ela perdeu apenas o dedo mindinho do pé. A narrativa da conversa da Maria Auxiliadora com a bandeira, com a santa, nos parece de intimidade e reciprocidade, a santa que já precisou da capitã, e essa que nunca lhe negou parcerias. E numa espécie de troca, a santa também não faltou com a capitã, interveio tanto na iluminação dos irmãos para procurar outro médico, e na mudança de diagnóstico que garantiu permanecer de pé. Sweet (2007) fala da presença dos santos, que assim como as almas, os espíritos são acionados para resolver dificuldades na cultura afro-portuguesa/afro-brasileira

---

<sup>46</sup> Idem.

<sup>47</sup> Idem.

também. Ressalta que entre santos católicos no processo do catolicismo negro “a devoção especial a Nossa Senhora do Rosário continua a ser, em grande medida, um mistério.” (SWEET, 2007, pp. 241, 242).

A capitã Maria Auxiliadora amplia um pouco os mistérios que envolvem a crença do seu grupo no contato com o festejo em louvor ao Rosário. Ela nos diz que, quando está no Congada, se transforma, que é uma grande emoção, e que as pessoas também comentam isso, que não é ela ali, que é outra pessoa. Nas palavras dela: “Assim, eu saio de mim, alguém toma posse do meu corpo, da minha mente. Entendeu? Não sou eu quem estou ali naquela hora. Aí é outra comandante ali. É um poder divino, difícil de explicar. Não é fácil, não.”<sup>48</sup> Maria Auxiliadora nos fala sobre outro alguém que se apropria do corpo e mente dela, diz que é “outra comandando”. A capitã tem ciência de que alguém, um poder divino se apossa do corpo dela no momento do Congado. Ela permite que isso aconteça. Mais que isso, cria mecanismos para tal aproximação, uma vez que é a capitã, a sacerdotisa do grupo. Ainda nessa ótica de poderes divinos, Maria Auxiliadora fala no plural sobre o grupo: “Arrancamos lágrimas, arrancamos emoção, com certeza.”<sup>49</sup> Extrair lágrimas, extrair emoções é também remexer sentimentos que saem como um processo de limpeza espiritual para fortalecimentos, quem sabe uma ação de pretos-velhos, já que tanto Belinha, a bandeireira de 83 anos, quanto a capitã, 54 anos, dizem que o Congado é coisa de preto-velho, que o Congado vem mesmo da raça negra. Acreditamos que tais elementos estejam todos dentro do catolicismo negro.

## Conclusão

*“Congadeira canta, ah! Eu vou embora. Fica com Deus e a virgem, Nossa Senhora.  
Congadeira canta, ah, ah! Eu vou embora.”<sup>50</sup>*

A pesquisa procurou mapear e compreender memórias do cativo e da liberdade em diferentes gerações dos Congados do bairro São Dimas, São João del-Rei. Nos concentramos na família Mártir, acompanhando a frequente mobilidade geográfica das primeiras gerações da família no tempo da liberdade que procuraram por melhores condições de trabalho. Buscamos entender ritos da cosmovisão banto, memórias do cativo, oriundas da África Centro-Occidental que atravessaram o

---

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Idem.





Atlântico e reverberam nos tempos de hoje, dentro do âmbito cultural de pessoas que mantém e recriam as tradições do Congado. Nesse sentido, procuramos perceber a pluralidade do catolicismo negro dentro das práticas congadeiras. Também percebemos superações de adversidade sociocultural, mesmo que no plano simbólico, de um reinado Congo que hoje, por conta da terceira geração da família Mártir, compõe uma exposição permanente, evocando a cultura material e imaterial do Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, São Dimas, no Museu Regional de São João del-Rei/MG.

## Referências

- ADÃO, Kleber do Sacramento. **Diversões e devoções em São João del-Rei: um estudo sobre as festas do Bom Jesus de Matosinhos, 1884-1924**. Campinas: UNICAMP, 2001.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas do Brasil- 2º Tomo**. São Paulo: Martins Editora, 1959.
- BARROS, Matheus Alves de. **De Lava-Pés a São Dimas: uma história conflituosa de apropriação das condições Naturais**. UFSJ. 2004. Disponível em: <https://ninjaufsj.wordpress.com/2012/05/11/de-lava-pes-a-sao-dimas-uma-historia-conflituosa-de-apropriacao-das-condicoes-naturais/>
- BARTH, Frederik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2000.
- BRÜGGER, Silvia Maria Jardim. **Venturas e Desventuras do Capitão Prego e sua família: memórias de um congadeiro da região das Vertentes, Minas Gerais**. XII Encontro Regional Sudeste de História Oral. 2017.
- BRÜGGER, S.M.J e OLIVEIRA, A.J.M. de. **Os Benguelas de São João del Rei: tráfico atlântico, religiosidade e identidades étnicas (séculos XVIII e XIX)**. Revista Tempo. Niterói: UFF, n.26, 2009.
- CARNEIRO, Eder Jurandir. **Formações territoriais urbanas em São João del-Rei (MG)**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- COELHO, Maria da Luz. **Na roda da Memória, sujeitos de um lugar: memórias de professores de História na “histórica” São João Del Rei**. In: MIRANDA, Sonia Regina & SIMAN, Lana Mara Castro. **Cidade, Memória e Educação** (orgs.) Juiz de Fora: UFJF, 2013. pp.343-360.
- DAIBERT JUNIOR, Robert. **Luzia Pinta nas margens do rio: travessias entre o catolicismo e as tradições religiosas centro-africanas no mundo Atlântico**. In: **No berço da noite: religião e arte em encenações de**



- subjetividades afrodescendentes.** Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, 2012. pp 93-117
- FICSHER Brodwyn, GRINBERG, Keila e MATTOS, Hebe. **Direito, silêncio e racialização das desigualdades na História afro-brasileira.** No Prelo, Cambridge, 2018.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral. Possibilidades e Procedimentos.** São Paulo. Humanitas/EDUSP, 2002.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. **A princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais: São João del-Rei (1831-1888).** São Paulo: Annablume, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo, Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- KARASCH, M. E. **A vida dos escravos, Rio de Janeiro, (1808-1850).** São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- MATTOS, Hebe Maria e RIOS, Ana Lugão. **Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MINTZ, Sidney W. **Cultura: uma visão antropológica.** Tempo, 14 (18), julho, 2009. p.225-239.
- MONTECUCOLO, Joao Antônio Cavazzi de. **Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola.** Lisboa: Junta de invest. do ultramar, 1965.
- MONTEIRO, Lívia Nascimento. **“A Congada é do mundo e da raça negra”: memória da escravidão e da liberdade nas festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande-MG (1873-2015).** Niterói: UFF, 2016.
- RUBEN, Guillermo Raúl. **Teoria da identidade: uma crítica.** Anuário Antropológico 86, 1988, p.75-92.
- SANTOS, Luciana Mara dos. **Reis Do Rosário: poder e relações simbólicas na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São João Del-Rei (1840-1909).** São João Del-Rei: UFSJ, 2016.
- SILVA, Daniel Albergaria. **Festas de Guardas, Ternos e Nações: a coroação de reis Congos e a devoção à Nossa Senhora do Rosário.** Juiz de Fora: UFJF, 2016.
- SOUZA, Marina de Mello e. **“Reis do Congo no Brasil, séculos XVIII e XIX”.** Revista de História, n.152. São Paulo: USP, 2005.
- SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil Escravista: história da festa de coroação de rei Congo.** Belo Horizonte, UFMG, 2002.
- SWEET, James H. **Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770).** Lisboa: Edições 70, 2007.

Recebido em: 13/06/2019  
Aceito em: 29/07/2019